

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 07 de maio de 2024 às 07h58
Seleção de Notícias

Folha.com | BR

Inovação

Opinião: A inteligência artificial está prestes a matar o que resta do jornalismo? 3
FEED | RANA FOROCHAR

Monitor Mercantil Digital online | RJ

Direitos Autorais

Em busca da reforma (perdida) da Lei de Direitos Autorais 7

Blog do Ancelmo Gois - Globo Online | RJ

07 de maio de 2024 | Direitos Autorais

Direitos autorais: Alexandre Pires processa gravadora e cobra rescisão de contrato 9
BLOGS | AUTOR | NELSON LIMA NETO

Opinião: A inteligência artificial está prestes a matar o que resta do jornalismo?

FEED



Edição do Financial Times fotografada em Londres em 2015

A questão agora é pessoalmente urgente, pois o FT (Financial Times) fechou um acordo com a OpenAI na semana passada para treinar grandes modelos de linguagem em nosso conteúdo. Como muitas organizações de notícias, o FT agora receberá pagamento por sua propriedade intelectual e também receberá atribuição quando o conteúdo for apresentado.

Por um lado, você pode argumentar que é melhor ser pago do que não por algo que a Big Tech já está fazendo de graça, que é absorver o jornalismo online para treinar LLMs.

Os jornalistas do FT não tiveram acesso a quanto nossa empresa está sendo paga, ou a quaisquer detalhes financeiros do contrato com a OpenAI, então não posso dizer se é um bom acordo ou não.

Por outro lado, preocupa-me que estejamos prestes a ver uma repetição do que aconteceu nos anos 1990, quando as empresas de mídia compraram a ideia do Vale do Silício de que "a informação quer ser livre" e não adotaram uma postura rígida na proteção dos **direitos** autorais e do valor de seu conteúdo.

Como eu descrevi em meu segundo livro, "Don't Be Evil", e o jornalista de tecnologia Steven Levy cobriu com mais detalhes em seu livro "In the Plex", o Google em particular simplesmente ignorou os **direitos** autorais de uma maneira que abriu caminho para o capitalismo de vigilância em geral, incluindo as aplicações de IA de hoje. Como escrevi em minha coluna de janeiro sobre os novos processos judiciais de provedores de notícias contra a violação de **direitos** autorais por IA:

"Um estudo recente de pesquisadores da Universidade de Columbia, da Universidade de Houston e da empresa de consultoria Brattle Group estimou que, se o Google desse aos editores dos EUA metade do valor criado por seu conteúdo de notícias, eles estariam desembolsando entre US\$ 10 a 12 bilhões anualmente. Como está, o New York Times - um dos maiores editores de notícias - está recebendo meros US\$ 100 milhões ao longo de três anos. Agora, a IA está prestes a fazer com que até mesmo essa relação assimétrica pareça boa. Quando você pergunta a um chatbot como o ChatGPT, da OpenAI, ou o Bard, do Google, uma pergunta, você não é enviado para o site

Continuação: Opinião: A inteligência artificial está prestes a matar o que resta do jornalismo?

do criador. Em vez disso, você recebe a resposta diretamente. Os usuários permanecem no jardim murado da empresa de big tech que possui a plataforma de inteligência artificial. O fato de a IA ter sido treinada no mesmo conteúdo protegido por **direitos** autorais que ela visa contornar é um insulto à lesão."

O setor de notícias, é claro, foi esvaziado ao longo das últimas duas décadas, à medida que um punhado de gigantes digitais absorveu a maior parte do valor gerado pelo conteúdo online. Isso foi particularmente verdadeiro no nível local; de fato, o poder de monopólio digital levou a tanta destruição das notícias locais que gigantes de big tech como Google e Facebook, agora Meta, começaram a financiar a criação de mais conteúdo de notícias locais porque a falta dele estava prejudicando seu próprio modelo de negócios. Marx está rindo do túmulo sobre tudo isso, sem dúvida.

Hoje em dia, existem duas maneiras de estar nas notícias. Você pode ser o gorila de 1.000 libras, como o The New York Times, que atingiu a velocidade de escape com mais de 10 milhões de assinantes. Ou você pode ser uma organização de assinatura premium de alta qualidade, que é o modelo do FT. Eu sempre achei que o último era a melhor proposta e mais fácil de defender. Sobreviveu à última rodada de "destruição criativa" digital ao longo dos últimos 20 anos. Como se sairá na próxima?

Honestamente, não sei a resposta para essa pergunta. O que direi é o seguinte: acho que a IA é claramente uma bolha. Como escrevi em março, isso não sig-

nifica que algo útil não surgirá eventualmente (a bolha digital do final dos anos 1990 gerou toneladas de espuma, mas também milhões de milhas de cabo de banda larga). Mas, por enquanto, as avaliações e a narrativa extremamente simplista e otimista me lembram muito os meados dos anos 1990, quando tudo o que o Vale do Silício dizia parecia inevitável. Se você questionasse, era um ludita. Você não "entendia". A maioria dos jornalistas e executivos estava muito intimidada pelo jogo de confiança dos titãs da tecnologia para realmente pensar claramente sobre como estavam dando seu próprio produto de graça.

Desta vez, acho que estamos recebendo algo pelo produto. Mas também sou muito cético de que a IA beneficiará seriamente alguém além da Big Tech a curto e médio prazo. Lembra quando a SAP ficou super quente nos anos 1990 vendendo **licenças** de software empresarial para todos? O preço das ações da SAP subiu, mas o enorme boom de produtividade prometido nunca se materializou realmente (a maioria dos economistas agora vê esse aumento de produtividade dos anos 1990 como um pouco de miragem). No final, a aposta inteligente era comprar a SAP e vender muitos de seus clientes.

Temo que a narrativa da IA hoje seja muito semelhante. Para começar, quase não vi evidências de que a IA realmente esteja aumentando a produtividade em escala. Existem muitos experimentos em pequena escala que foram impulsionados pelas próprias empresas de big tech, e poucos deles foram devidamente examinados ou auditados. Apenas aceitamos a palavra das próprias empresas de tecnologia. Continuamos a comprar a inevitabilidade dessa história, como se, se não entrássemos nessa nova moda "disruptiva", "inovadora", "mudando o mundo", de alguma forma, estaríamos perdendo.

Mas considere um cenário alternativo. E se o consumo de água e energia da IA simplesmente torná-la insustentável? E se o "milagre" de produtividade nunca se concretizar? E se a IA for, no final das contas, apenas mais uma maneira de reduzir os custos tra-

Continuação: Opinião: A inteligência artificial está prestes a matar o que resta do jornalismo?

balhistas humanos - seja na mídia ou em qualquer outro número de indústrias de colarinho branco- e substituir pessoas por uma tecnologia que beneficia principalmente um punhado de grandes empresas financeiramente? E se a IA for realmente apenas a mais recente fraude das grandes empresas de tecnologia em busca de uma maneira de manter a música tocando à medida que as taxas de juros aumentam, as ações antitruste mordem, o desacoplamento as exclui do mercado chinês e simplesmente fica mais difícil em geral ganhar dinheiro?

Peter, o que você tem a dizer sobre tudo isso?

Leitura recomendada

Há tantas ótimas ofertas do FT no momento, que vou fazer uma lista de leitura recomendada nesta semana:

Henry Mance fez uma entrevista longa com o economista Joe Stiglitz, que corretamente aponta que "Trump é o que o neoliberalismo produziu". Devo dizer que discordo de Mance que as necessidades do Sul Global e dos EUA estão em conflito quando se trata de assuntos como mudanças climáticas. A abordagem de política industrial dos EUA para o aquecimento global, e em particular os apelos de Katherine Tai por um paradigma comercial "pós-colonial", no qual os EUA poderia oferecer **transferências** de tecnologia para países em desenvolvimento, em troca, por exemplo, de minerais de terras raras e outros insumos, é muito mais palatável do que a abordagem de imposto de carbono europeu, que faz o Sul Global pagar de forma desproporcional pelos pecados dos países mais ricos.

Meu colega Simon Kuper analisa as escolhas de políticas contrastantes e estilos de vida dos americanos, que têm mais dinheiro, versus os europeus, que têm mais tempo. Como alguém que viveu em ambos os lugares, acho que os europeus estão fazendo a aposta mais segura e saudável.

Se você perdeu o FT Weekend Festival nos EUA,

ainda pode assistir a alguns dos eventos e palestrantes ao vivo. É um evento verdadeiramente incrível, e sinto muito por não poder estar lá este ano (mas tive uma boa desculpa, que é que estou comemorando o aniversário do meu marido na Grécia - de volta no dia 10, e de volta à ativa com o Swamp Notes na semana seguinte!)

Resposta de Peter Spiegel, editor-chefe do Financial Times nos EUA

Rana, um dos meus frameworks analíticos favoritos no mundo da tecnologia é o Ciclo de Hype do Gartner. Ele existe desde meados da década de 1990, mas só aprendi sobre ele no ano passado, quando hospedei nosso brilhante colunista de tecnologia John Thornhill em um podcast sobre o futuro do setor (revelação ligeiramente embaraçosa: minha esposa trabalha para o Gartner, então provavelmente eu deveria ter conhecido isso antes).

O Ciclo de Hype do Gartner argumenta que todas as novas tecnologias começam com um "gatilho de inovação", ou uma nova descoberta que deixa todos empolgados, e eventualmente atinge um "pico de expectativas infladas" antes de cair em um "vale de desilusão", onde todas as promessas de mudança de vida feitas sobre a nova tecnologia falham em cumprir. Tenho a sensação de que estamos perto do "pico de expectativas infladas" quando se trata de IA generativa.

Não há dúvida de que a inteligência artificial mudará a profissão do jornalismo, e o FT já está fazendo coi-

Continuação: Opinião: A inteligência artificial está prestes a matar o que resta do jornalismo?

sas interessantes com ela - incluindo o teste beta de uma ferramenta de IA generativa "Ask FT" que permite aos assinantes fazer perguntas a um robô, que responde usando duas décadas de conteúdo do FT.

Mas a IA generativa está prestes a destruir o modelo de negócios que o FT e outras principais organizações de notícias adotaram na era digital? Suspeito que estamos indo em direção ao "vale de desilusão" nesse aspecto. Consumidores de notícias - especialmente aqueles que precisam de informações em tempo real para tomar decisões de negócios - não podem confiar nas informações históricas e, às vezes, imprecisas atualmente fornecidas por chatbots de IA. Ainda acredito que eles continuarão acessando ft.com e os sites de nossos concorrentes para esse tipo de notícia.

No entanto, o Ciclo de Hype do Gartner também prevê que o "vale de desilusão" é seguido por uma "encosta de esclarecimento" onde descobrimos como, exatamente, uma nova ferramenta tecnológica deve

ser usada. Isso é seguido por um "planalto de produtividade", no qual a adoção em massa se torna uma realidade.

Assim como você, Rana, não sei a resposta para a questão de como será a próxima rodada de "destruição criativa". Pessoas muito mais inteligentes do que eu ainda estão lidando com o impacto que a IA generativa terá na indústria de notícias. Até começarmos a sair do "vale de desilusão", no entanto, estou perfeitamente feliz em brincar com o bot Ask FT e experimentar outras formas de experimentação antes de começar a me preocupar que o jornalismo está prestes a ser absorvido pelas big techs.

Em busca da reforma (perdida) da Lei de Direitos Autorais



A urgência da reforma da Lei de **Direitos** Autorais para acompanhar o cenário atual de transformações tecnológicas e culturais. Por Rodrigo Vieira.

A atual Lei de **Direitos** Autorais (LDA), frequentemente acusada de obsoleta, nos seus mais de 20 anos de vigência, é por vezes alvo de intensas discussões especializadas de acadêmicos e juristas, ou dos agentes das diversas cadeias econômicas e culturais que envolvem obras intelectuais, muito embora os seus dispositivos transbordem interesses setorializados. Nesta época do imaterial, é difícil sustentar que o debate autoral não tenha que se ampliar para o interesse público em geral.

Desde o seu nascimento, entre a defesa de sua adaptação flexível às transformações tecnológicas da expansão da internet e a crítica às suas disposições draconianas e maximalistas defensivas da propriedade, há um hiato geracional em que as implicações de inovações disruptivas e os direitos fundamentais (humanos) de terceiros - supostamente estranhos às relações de criação e produção cultural - não têm sido levados em conta em qualquer tentativa de reformulação global e robusta da lei.

Aliás, a pauta legislativa recente sobre aspectos da matéria dá sinais para modificações pontuais que atendem muito mais a reivindicações de parcela de

setores da produção cultural e do entretenimento, como o audiovisual, a música e até as empresas de streaming, do que propriamente a uma ampla e necessária reforma.

A última alteração da LDA, referente à gestão coletiva dos **direitos** autorais, foi resultado muito mais da pressão política dos trabalhos das Comissões Parlamentares sobre a atuação do Ecad e de sua condenação administrativa no Cade por abuso de poder dominante do que pelo esforço propositivo do Executivo e do Parlamento. Desde o primeiro governo Lula até o finado bolsonarismo, foram inúmeras as tentativas de reformulação geral para atender ao espírito do tempo, com a constituição de fóruns, inúmeros seminários com apoio da academia, reuniões abertas e fechadas, audiências, anteprojeto do Ministério da Cultura, consultas públicas, relatórios etc.; boa parte desse tempo perdido (?) dormita em alguma gaveta da Casa Civil da Presidência após inúmeros mandatos e mudanças de orientação e prioridade política em relação à matéria.

Espaço Publicitário

Nem a assinatura do Tratado de Marraqueche, com estatura de emenda constitucional, foi suficiente para desencadear pelo menos a regulamentação da facilitação do acesso de pessoas com deficiência visual às obras intelectuais. Os **direitos** autorais no debate legislativo foram reduzidos ao plano incidental, para não dizer diminuídos à condição de jabutis, no marco das propostas de combate à desinformação ou de regulação da inteligência artificial. Ainda assim, identificada sua presença confusa e (in)desejada nesses textos legislativos, devolvidos para um lugar de origem com sua remoção, retornam ensimesmados para compartimentos fragmentados e fatiados pelos interesses das indústrias do entretenimento, das plataformas ou dos meios de comunicação, para não mencionar os modismos e o frenesi em torno das no-

vas tecnologias.

É ainda possível discutir uma reforma sistemática da Lei de **Direitos** Autorais sem nos seduzirmos por matrizes tópicas? O Ministério da Cultura e parlamentares engajados nesse empreendimento hercúleo - pelo visto - poderiam nos dar minimamente uma resposta. Sem colonialismo ou transplante irrestrito, outros lugares terrenos, como a União Europeia, com sua Diretiva relativa aos direitos de autor e direitos conexos no Mercado Único Digital, sinalizam que sim, é possível.

Queremos discutir mudanças conceituais relacionadas às transformações criativas, responsabilidade dos provedores de aplicação por conteúdo protegido compartilhado na rede, limites e exceções em nome do progresso científico, educacional e cultural - como por exemplo a mineração de textos e dados sem a qual não haveria vacina para

Continuação: Em busca da reforma (perdida) da Lei de Direitos Autorais

Covid-19 e a de preservação do patrimônio cultural -, acesso aberto e ao conhecimento, direitos de remuneração a artistas e intérpretes, a aplicação ou não da LDA aos produtos culturais advindos de IAs generativas, obras sob encomenda e os vários tipos de licenças, equilíbrio contratual, prazo de proteção e domínio público, plágio, dentre vários outros assuntos e mais, de modo que a LDA seja atualizada.

Resta-nos perguntar: cadê a Reforma da LDA que necessitamos?

Rodrigo Vieira, docente da Graduação e da Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal Rural do Semi-árido. Membro do IBDCult

Por Favor Digite Seu Nome Aqui

Direitos autorais: Alexandre Pires processa gravadora e cobra rescisão de contrato

BLOGS



aconteceu em 2022.

Seus advogados pedem o imediato cancelamento do contrato, a obrigação da apresentação de relatórios contábeis, além do pagamento de danos morais e materiais. O caso está em andamento na Justiça do Rio.

Ex-líder do Só Pra Contrariar diz ter direito a encerrar os acordos com a Universal Music

Veja esta história. O cantor Alexandre Pires, conhecido por seu sucesso à frente do grupo Só Pra Contrariar, está processando a Universal Music.

O artista conta ter acordo com a gravadora desde 1997, mas cobra o reconhecimento "inequívoco da extinção natural" do contrato, para assim negociar suas produções com outra gravadora.

"É incontestável que todos os contratos de cessão de **direitos** autorais expiraram pacífica e legalmente cinco anos após suas assinaturas, uma vez que não foram renovados em forma escrita", diz a petição.

Alexandre também reclama de possíveis problemas nos repasses de **direitos** autorais. Ele cita, por exemplo, que a última prestação de contas sobre suas obras

Índice remissivo de assuntos

Direitos Autorais
3, 7, 9

Inovação
3

Software
3